

APROXIMAÇÕES ENTRE VIVÊNCIAS CULTURAIS E CONCEITOS TEÓRICOS: EDUCAÇÃO TRADICIONAL GUARANI & EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

*SIMILARITIES BETWEEN CULTURAL EXPERIENCES AND THEORETICAL CONCEPTS: TRADITIONAL
GUARANI EDUCATION & EDUCATION WITHIN HUMAN RIGHTS*

*APROXIMACIONES ENTRE VIVENCIAS CULTURALES Y CONCEPTOS TEÓRICOS: EDUCACIÓN TRA-
DICIONAL GUARANI & EDUCACIÓN EN DERECHOS HUMANOS*

Wanirley Pedroso Guelfi

Doutoranda em Educação PPGE/UFPR. Professora do Setor de Educação -Departamento de Teoria e Prática do Ensino da UFPR. E-mail: wanirley@gmail.com

Evandro Piza Duarte

Doutor em Direito pela Universidade de Brasília - UnB. Professor Universidade de Brasília -UnB e na Cátedra Brasil sobre Relações Raciais – Capes/ Universidade Nacional da Colômbia. E-mail: evandropiza@gmail.com.

Tania Stoltz

Doutora em Educação. Professora do programa de Pós Graduação em Educação PPGE/UFPR. E-mail: tstoltz@ufpr.br

RESUMO

O objetivo deste estudo é compreender a Educação Guarani, apontando aproximações existentes entre os valores que permeiam a Educação tradicional Guarani e os conceitos teóricos que fundamentam a Educação em direitos humanos. Busca-se identificar as aproximações entre vivências culturais e discussões teóricas, entendendo que saberes classificados pelas ciências como populares são complementares aos acadêmicos. A pesquisa foi desenvolvida em duas aldeias, uma localizada na Ilha da Cotinga no Paraná (PR) e a outra, a Aldeia M'Biguaçu, localizada em Santa Catarina (SC). O referencial teórico-metodológico fundamenta-se nos pressupostos da Educação Popular e da História Cultural. Participam da pesquisa professores indígenas bilíngues e lideranças da comunidade – pajés, caciques, artesãos – como sujeitos e coautores. Indicamos aqui como primeiros resultados demonstrar nas vivências culturais do povo Guarani como a essência da discussão teórica sobre como a educação em Direitos Humanos acontece, cotidianamente há milênios, nas interações sociais da aldeia. Observa-se um processo educativo movido pelos princípios de vida espiritual-material, e pela necessidade de sobrevivência desse povo e sua cultura acontecendo na experiência cultural. Com os resultados da pesquisa pretende-se minimizar distâncias culturais e superar obstáculos como a língua e uma dimensão temporal diversa da nossa. Nas considerações finais evidencia-se a necessidade de conhecermos essa e outras culturas nativas com o objetivo de compartilharmos conhecimentos diferentes por serem complementares e constatar que outra educação é possível.

Palavras-chave: Educação Tradicional Guarani; Direitos Humanos; História Cultural; Percepção Cultural.

ABSTRACT

The objective of the following paper is to understand Guarani Education by showing similarities between the values within Traditional Guarani Education and the theoretical concepts that found Education within human rights. It tries to identify similarities between cultural experiences and theoretical discussions by understanding that knowledge considered “popular” complement the academic one. The study was performed in two Indian villages, one in Ilha da Cotinga in Paraná (PR) and the other in Santa Catarina (SC). The theoretical and methodological reference are found in the Popular Education and Culture History presuppositions. The study had the contribution of bilingual native teachers and community leaders – shamans, chieftains, artisans – as subjects and coauthors. Initially, the authors display the Guarani people cultural experiences as the core of the theoretical discussion regarding how Education within Human Rights takes place, as it has been happening for thousands of years, in their social interactions. There is an educational process moved by the spiritual-materialistic life principles as well as by the survival instinct of such people along with their culture, taking place in their cultural experience. The study results are intended to minimize cultural gaps and overcome obstacles such as the language and non-natives different time dimension. The conclusion refers to the need of knowing this and other native cultures in order to share different knowledge due to the fact they are complementary as well as the possibility of an alternative kind of education.

Keywords: Traditional Guarani Education; Human Rights; Culture History; Cultural Perception.

RESUMEN

El objetivo de este estudio es comprender la Educación Guaraní, apuntando aproximaciones existentes entre los valores que permean la Educación tradicional Guarani y los conceptos teóricos que fundamentan la Educación en derechos humanos. Se busca identificar las aproximaciones entre vivencias culturales y discusiones teóricas, entendiendo que saberes clasificados por las ciencias como populares son complementarios a los académicos. La investigación fue desarrollada en dos aldeas, una ubicada en la Isla de la Couta en Paraná (PR) y la otra, la Aldea M'Biguaçu, ubicada en Santa Catarina (SC). El referencial teórico-metodológico se fundamenta en los presupuestos de la Educación Popular y de la Historia Cultural. Participan en la investigación profesores indígenas bilingües y líderes de la comunidad - pajés, caciques, artesanos - como sujetos y coautores. En el caso de los pueblos indígenas, la mayoría de las personas que viven en las zonas rurales, se observa un proceso educativo movido por los principios de vida espiritual-material, y por la necesidad de supervivencia de ese pueblo y su cultura pasando en la experiencia cultural. Con los resultados de la investigación se pretende minimizar distancias culturales y superar obstáculos como la lengua y una dimensión temporal diversa de la nuestra. En las consideraciones finales se evidencia la necesidad de conocer esa y otras culturas nativas con el objetivo de compartir conocimientos diferentes por ser complementarios y constatar que otra educación es posible.

Palabras clave: Educación Tradicional Guaraní; Derechos humanos; Historia Cultural; Percepción Cultural.

INTRODUÇÃO

Sabemos que as comunidades indígenas estão cada vez mais próximas das cidades, e que a educação formal direcionada pelo Estado brasileiro é obrigatória a todas as crianças, incluindo crianças e jovens indígenas¹. Acrescente-se a esse contexto a necessidade de

¹ Incluem-se nesse contexto crianças e jovens das comunidades quilombolas, ciganas entre outras que permaneceram à margem do sistema escolar.

formar professores indígenas para atender a essa nova demanda, e a inclusão de indígenas nas Instituições de Ensino Superior (IES), por meio das políticas afirmativas².

Diante desse quadro perguntamos: o que o Estado pode aprender-agregar à educação formal com as experiências Guarani, sempre excluídas e mesmo desconhecidas das práticas sociais e escolares durante séculos? Seria possível romper com um modelo fundado no epistemicídio³ e na colonialidade do saber?

A colonialidade do saber é intrínseca a do poder e do ser (QUIJANO, 2005; LANDER, 2005). Tripé estruturante dos estudos pós-coloniais (África, Ásia, América Latina). Como conceito abrangente, o colonialismo pode ser entendido como o processo histórico iniciado no final do século XV com a expansão da Europa sobre os demais continentes e povos, processo este que deitou raízes presentes até os dias de hoje. Tal experiência, de confronto e dominação de alteridades radicais, articulou-se por meio da “invenção”, “descobrimen-to”, “conquista” e “colonização” do “outro”, em um fenômeno que operou estratégias de poder não só no âmbito militar, mas também na construção discursiva e filosófica sobre aquilo que era tido como diferente.

Se os contatos entre comunidades indígenas e sociedade envolvente estão cada vez mais próximos e, portanto, a convivência entre nós e eles também, como enfrentar esse desafio?

São desafios a serem pensados por toda a sociedade brasileira e no campo educacional em especial que pretende romper com padrões coloniais de constituição dos saberes. Ou então, como propôs Sueli Carneiro (2005), o que foi colocado na zona do “não ser” passaria a ser reconhecido como “ser”.

Para tanto é necessário superar a visão hegemônica sobre os diversos povos indígenas brasileiros como pertencentes ao passado. Ao invés disso, são populações crescentes que fazem parte do cenário nacional contemporâneo. É sobre esses sujeitos contemporâneos, no caso os Guaranis, que vivem aqui e que versa esse artigo.

Metodologia

As primeiras aproximações com os Guarani foram mediadas por colegas de profissão, e posteriormente pelos próprios Guarani com os quais estabelecemos relações de amizade e afetos. Fomos ao campo e com a permissão deles pudemos fazer a pesquisa, acertando com os líderes os encaminhamentos e o retorno dos dados. Compromisso acertado, utilizamos para a obtenção dos dados entrevistas espontâneas, diário de campo, e observação profunda (CASTRO, 2006) do campo.

2 No Estado do Paraná essa política afirmativa existe há aproximadamente uma década, desde o início dos anos 2000. Todas as universidades estaduais (UEL, UEM, INICENTRO etc.) bem como a Universidade Federal do Paraná (UFPR) participam desse processo de inclusão com bons resultados.

3 Para Sueli Carneiro (2005) o epistemicídio, conceito cunhado de Santos (1995), coloca em questão o lugar da educação na reprodução de poderes, saberes, subjetividades, na qual o Não-Ser é constituído como natural na lógica do pensamento eurocêntrico.

Buscamos apreender os significados da Educação Tradicional Guarani, observando a dinâmica cotidiana deles na aldeia, conversando, andando pela aldeia, participando das cerimônias na Casa de reza (OPY) e de algumas rodadas de conversas. Com essas observações coletamos os dados necessários.

Os Guarani: seus valores e suas interpretações sobre o mundo

Convivendo com os Guaranis de aldeias localizadas no Paraná (PR) e em Santa Catarina (SC)⁴, percebeu-se a vivência da solidariedade e da ética, nas mais diversas formas de conceber a vida e o outro. Há também o respeito aos mais velhos e às crianças, o sentido da experiência voltada para o coletivo, a essência dos princípios da sua religiosidade, os mitos e seus significados, a manutenção da língua Guarani. Enfim, dimensões que separamos para explicar, mas, que são intrínsecas nas experiências cotidianas, e reiteradamente reforçam laços familiares, de parentesco, de pertencimento e reconhecimento do que são: Guarani, tanto no presente, como no passado como sempre foram/são/serão, afirmam eles. Aliás, esse foi o dilema percebido por Darcy Ribeiro (1995) para quem a resistência do indígena e a sua contínua reconstrução identitária marcavam o reconhecimento do ser indígena. Indígena é aquele que resiste para poder se (re) fazer indígena.

Durante as horas de conversas com professores indígenas, pajés e caciques, entre outras lideranças, foi possível ouvir seus comentários e apreciações sobre diversos assuntos: coletivo, dignidade, direitos, deveres, a terra, a fauna, a flora, a troca, o lucro etc.

Houve a necessidade de entrar na reflexão deles para perceber como entendem e interpretam o mundo. Houve explicações que evidenciam que os Guarani têm sentidos e percepções profundas sobre esses temas. A densidade de suas formulações é desconhecida porque elas são feitas desde outras perspectivas cognitivas. Basicamente uma perspectiva que não separa o todo/parte, a felicidade/tristeza, o bom/mau, o certo/errado, entre outros binários que estruturam a lógica do nosso pensamento, referenciado na mentalidade eurocêntrica.

É difícil compreender, pois não vivenciamos as experiências culturais de nossos “outros”. E esse é um ponto inicial de constatação. As dimensões cognitivas, para os Guarani, dependem da vivência. É um mundo que se abre com muitas portas, janelas e trilhas, numa relação de revelação e incompreensão e, mesmo assim, ensina a aprender. Daí a necessidade de se fazer as aproximações entre as interpretações *deles e as nossas* para entendermos um pouco de suas formas de compreensão do /relação com o mundo.

Dessas conversas destacamos a afirmação do Professor Mário Karai Moreira⁵, que

4 A aldeia indígena YynnMorotiWherá (reflexo das águas cristalinas), também conhecida por M'Biguaçu, está situada no município de Biguaçu, no Estado de Santa Catarina, na rodovia BR 101 – km 190. A Aldeia indígena Pindoty (floresta das palmeiras) está situada na Ilha da Cotinga, no município de Paranaguá, litoral do Estado do Paraná. Os dados foram coletados ao longo do ano do primeiro semestre do ano de 2010.

5 Mario Karai Moreira (Karai) é Guarani do Rio Grande do Sul (RS). Durante 10 anos Karai foi professor indígena das aldeias Canta Galo e Estevia, em Viamão. Atualmente é professor bilíngue na Aldeia do Morro dos Cavalos, em SC.

recebeu o nome Guarani de *Karáíryapu*⁶, evidenciando a questão das interpretações de mundo diferenciadas sobre um mesmo tema. Nesse caso, o mito. Em suas palavras: “Nossas tradições não são mitos, nós vivemos o que vocês chamam de mito, são nossas tradições, nossa realidade”. (KARAÍ, 2010)

Os povos Guarani, por ainda existirem, são exemplo de resiliência as imposições dos discursos e práticas eurocêntricas. Um povo que entre suas novas e antigas lutas⁷, uma se destaca: a manutenção da língua e da Educação Tradicional Guarani. É um dilema central para eles. Trata-se da sobrevivência de um povo contemporâneo e milenar que conhece o poder da sociedade envolvente. Nas aldeias essas discussões são frequentes, nelas o grupo repensa, refaz, reavalia, reatualiza, constante e coletivamente, a permanência da sua cultura e do seu pertencimento social, mesmo se aproximando cada vez mais da sociedade envolvente.

Os Guaranis entre a educação tradicional e a formal: um dilema cultural a enfrentar

Entre os povos indígenas, os Guarani se destacam pela sua resistência em vivenciar sua cultura e valores, por meio do que eles denominam de “Educação Tradicional Guarani”, mantendo viva a língua que lhes permite fortalecer o sentido de pertencimento a um grupo, a um coletivo. As crianças são alfabetizadas na língua no contexto histórico-cultural e educativo das tradições dessa etnia. No momento em que as crianças ingressam no ensino básico, o que ocorre entre 6 e 7 anos, elas passam a ter contato com os conteúdos das diversas disciplinas escolares obrigatórias nos currículos da escola formal e obrigatória. Assim, o ensino da Língua Portuguesa entra nas aldeias, por meio das escolas, e essa passa a ser a 2ª língua falada nas aldeias, coexistindo com o Guarani como língua primeira. Esta é mantida regularmente.

O contato com a cultura da sociedade envolvente, através da instituição escolar e midiática, tem gerado conflitos que vem sendo debatidos entre indígenas e não indígenas. Entre os Guarani as discussões têm como foco a preocupação da perda da sua identidade, da desagregação dos princípios e valores de um povo milenar, da noção de pertencimento. Nas falas dos indígenas colhesse-se a ideia de que é a própria vida e sua cosmovisão se esvaindo. Para os não indígenas a mesma discussão passa pelas mídias como objeto de especulação, chegando às pesquisas acadêmicas como objeto de estudo.

Pensando em compreender os significados culturais sobre os conflitos vivenciados pelos Guaranis na atualidade, passamos a pesquisar temas como alteridade, diversidade e cultura social e escolar, encontrando nos debates sobre Educação em Direitos Humanos possíveis respostas.

____ Nesse ponto, retomamos a importância da manutenção da língua Guarani e dos

6 Filho dos trovões das águas.

7 Nos últimos anos, a luta pela demarcação de terras, entre outras, é uma constante nos seus discursos. Com formas diferenciadas, a questão da terra é secular e aparece com contornos diferentes na história dos Guarani e das demais populações indígenas.

conflitos gerados pelo contato com outros valores e lógicas de compreensão do que seja o mundo, repassados pelos conteúdos escolares obrigatórios da educação formal. No contexto, a luta pela manutenção regular do idioma transformou-se em uma ferramenta política dos Guarani. Trata-se de uma decisão desses povos acatada pela maioria e mantida nacionalmente por suas lideranças em encontros – locais, regionais, nacionais – com apoio das organizações internacionais indígenas e não indígenas. Esse objetivo, segundo explicações do professor Karaí, agrega dois aspectos. Nas suas palavras: manter viva a nossa cultura; e saber que somos Guaranis como resistência política do nosso povo.

É uma resistência assentada na cultura. O objetivo é não perder a identidade, mesmo agregando valores de outras culturas, o que, segundo Karaí, também é importante para os Guarani. “Para nós é importante conhecer como funciona a sociedade envolvente e saber no que ela pode nos ajudar. O que não pode acontecer é nossa cultura ser desvalorizada e ficar em segundo plano entre nós”.

Educação em Direitos Humanos e Educação Tradicional Guarani: aproximações entre o empírico e o teórico

O debate sobre os direitos humanos é permanente na história da humanidade⁸. Em especial nas últimas duas décadas (entre o final do século XX e início do atual), no campo educacional, há uma singularidade no debate. De acordo com, Benevides (2017) a Educação em Direitos Humanos parte de três pontos essenciais: primeiro, é uma educação de natureza permanente, continuada e global. Segundo, é uma educação necessariamente voltada para a mudança, e terceiro, é uma inculcação de valores, para atingir corações e mentes e não apenas a instrução, meramente transmissora de conhecimentos. Acrescenta-se, ainda, e não menos importante, que ou esta educação é compartilhada por aqueles que estão envolvidos no processo educacional – os educadores e os educandos - ou ela não será educação e muito menos educação em direitos humanos. As premissas são: a educação continuada, a educação para a mudança e a educação compreensiva, no sentido de ser compartilhada e de atingir tanto a razão quanto a emoção.

Mas, o que significa dizer quando afirmamos que estamos trabalhando com uma educação voltada para os direitos humanos? Benevides (2017) ressalta que essa forma de educar direciona para a formação de uma cultura com ênfase em valores como respeito, liberdade, justiça, igualdade, solidariedade, cooperação, tolerância, paz, objetivando criar, influenciar, compartilhar e consolidar mentalidades, costumes, atitudes, hábitos e comportamentos que decorrem, todos, daqueles valores essenciais citados – os quais devem se transformar em práticas. E assim, contribuir, no caso brasileiro, para uma mudança radical,

8 Direitos do homem, direitos civis, direitos políticos, direitos humanos etc.: cada um desses conceitos tem uma trajetória histórica singular, e nos debates de cada contexto histórico e cultural se mesclam, se expandem, se complementam ou mesmo se confundem.

que possa mexer com o que está enraizado nas mentalidades marcadas por preconceito, racismo, discriminação e pela não aceitação dos direitos de todos, pelas diferenças e diversidades existentes.

A breve introdução sobre o tema Educação em Direitos Humanos nos permite estabelecer uma ponte para enxergar as aproximações entre os conceitos teóricos existentes na literatura científica e as experiências culturais da educação tradicional Guarani.

Das conversas com o professor Mário Karaí, reiterada por outros professores e lideranças locais⁹, foram estabelecidas algumas reflexões pautadas nas aproximações entre o conhecimento científico e o conhecimento Guarani.

Consideremos que a obrigatoriedade do ensino básico se estende a todos os brasileiros. Nessa direção eles são obrigados a seguir as orientações pedagógicas oriundas do Ministério da Educação (MEC). Essas orientações, por serem pedagógicas, são educativas, trazendo na sua inserção no interior das aldeias visões de mundo e valores estranhos aos valores da cultura local mantidas pela educação tradicional que ocorre, permanentemente, nas Opy (casas de reza), no âmbito familiar, nos caminhos das aldeias, nas plantações, nas reuniões diárias com o pajé, sempre de forma coletiva.

Para os povos indígenas tal obrigatoriedade gera conflitos e, conseqüentemente, interfere nas decisões dos movimentos sociais indígenas, nos quais a resistência à cultura externa é reforçada.

Entre os Guaranis, são significativas as formas utilizadas que reiteram e privilegiam a manutenção da Educação Tradicional Guarani. Eles aproveitam todos os instantes possíveis dos seus encontros diários para conversar e convencer a comunidade sobre a importância de se manterem unidos em torno de seus valores e princípios, demonstrando as diferenças existentes entre os Guarani e os não Guarani – nós – sobre valores que tanto preservam como solidariedade, cooperação, paz, coletivo, enxergar e manter as diferenças existentes entre eles etc.

Nessa direção, entendemos que esse estudo sobre Educação Tradicional Guarani – assentado na experiência cultural vivida – e suas aproximações com a educação em Direitos Humanos – como produto de pesquisas acadêmicas – encontra possíveis caminhos e respostas no âmbito dessa discussão que vem sendo denominada de Ciência pós-moderna ou paradigma emergente.

No paradigma emergente o conhecimento é total, tem como horizonte a totalidade universal [...] mas sendo total, é também local. Constitui-se em redor de temas que em dado momento são adaptados por grupos sociais concretos como projetos de vida locais [...] a fragmentação pós-Moderna não é disciplinar e sim temática. Os temas são galerias por onde os conhecimentos progredem ao encontro uns dos outros. Ao contrário do que sucede no paradigma atual, o conhecimento avança à medida que o seu objeto se amplia, ampliação que, como a da árvore, procede pela

⁹ Dionísio Rodrigues (professor bilíngue), Izolina da Silva (Pajé) e Juliana Mariano (artesã): lideranças Guarani da Aldeia da Cotinga, em Paranaguá, no Estado do Paraná.

diferenciação e pelo alastramento das raízes em busca de novas e mais variadas interfaces. (SANTOS, 1997, p.47-48).

Os fundamentos da Ciência Contemporânea que Santos (1997) denomina de *Paradigma Emergente* abrem novas possibilidades para concretizar a aproximação entre os estudos acadêmicos e as experiências culturais. E, no caso em estudo, as experiências culturais dos Guarani.

Refletindo sobre essa forma de (re)ver a ciência e o conhecimento por ela produzido, entende-se como são reproduzidas as desigualdades sociais porque o mesmo reitera os (pré)conceitos seculares existentes sobre, entre outras, as populações indígenas¹⁰. Por mais atuais que sejam os conceitos científicos, os estudos relativos às populações indígenas continuam mantendo-os como sujeitos do passado e petrificados no seu mundo. Dificilmente conseguem situá-los na contemporaneidade atuando no tempo presente.

Exemplo disso pode ser percebido na fala dos professores e líderes das aldeias vai ao encontro do que José Ricardo Carvalho compreende sobre a relação identidade-língua.

Podemos dizer que a construção da identidade de uma nação está vinculada à língua falada por este povo. A língua não é apenas um veículo de transmissão de informação, mas, sobretudo, instrumento de poder. Em muitos momentos na história da humanidade, é possível observar o domínio de um grupo social sobre outros por meio da força bruta e imposição de sua língua. Isto acontece porque o modo como a língua é constituída e assumida por um povo revela seu modo de expressar e de conceber uma dada visão de mundo constituída. Aquele que subjuga outros povos acaba por tentar regular mecanismos linguísticos expressivos da cultura oponente para ressignificar a realidade de outra forma, entretanto, observa-se a todo instante um movimento de resistência, fazendo com que a língua não permaneça imóvel diante dos falantes que as transformam. Sendo assim, a constituição de um idioma está vinculada às relações de poder entre as diversas instâncias sociais. (CARVALHO, 2008, p.83)

Como pesquisadora dos povos Guaranis e partícipe do projeto consorciado de Licenciatura Indígena “TekoArandu” (modo de ser sábio), Graciela Chamorro (2008) atesta também essa relação identidade-língua, reconhecendo a importância da língua para a auto compreensão de seus falantes. Afirma ela: “para os Guaranis o saber falar a língua do grupo é a condição, para “ser mais”, para pertencer plenamente ao grupo e ser reconhecido ou reconhecida por ele”.

Considerações finais

As visitas às aldeias e as conversas informais com outros sujeitos, os indígenas, nos

10 Como o foco desse estudo é sobre os Guaranis, entendo que questões relativas às diferenças e a alteridade nessa concepção de ciência foram/são repensadas. Quais diferenças? Étnicas, sociais, religiosas, familiares, de gênero. Coloca em dúvida a ideia de superioridade do pensar eurocêntrico e da verdade do saber científico.

propiciaram vivenciar o sentido do surpreender-se. Surpreendemo-nos com a cultura Guarani. Diante da surpresa e do estranhamento que tínhamos/temos desse *outro*, nos conscientizamos e espiamos os inúmeros limites do nosso conhecimento acerca dessas populações indígenas e, portanto, sobre os Guarani.

Podemos afirmar que essa experiência com o *outro* nos transforma e permite-nos vivenciar situações não pensadas. E por meio delas revemo-nos e nos aproximamos do *outro* com um olhar diferenciado. Um olhar reflexivo-compreensivo que vê trocas de saberes no lugar da hierarquização do conhecimento; que vê beleza no lugar do medo; que sente alegria em estar junto com os diferentes no lugar do querer há um distanciamento em relação à diferença.

Pesquisas como essa que desenvolvemos, na qual a intenção é ouvir, na voz do *outro*, suas próprias reflexões, começam a ter visibilidade. Mas, estamos ainda no início de *outro* processo histórico científico, cultural e social que percebemos estar acontecendo e, sobre o qual ainda não conseguimos sentir solidez explicativa. Trazendo, pela pesquisa, novos cenários culturais que interferem/interferirão no âmbito acadêmico e escolar, vislumbra-se a possibilidade de mudanças que promovem/promoverão *outro* olhar sobre o *outro* e sobre nós.

Por meio da reflexão compreensiva, além da razão, desenvolvemos nossos sentidos, como afirma Alves (2010). Desenvolvendo nossos sentidos propiciamo-nos ter prazer no que fazemos em nossos estudos.

Há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem. (...) O ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido. (...). Quando os olhos estão na “caixa de brinquedos”, eles se transformam em órgãos de prazer: brincam com o que veem, olham pelo prazer de olhar, querem fazer amor com o mundo. (...) é do silêncio que nasce o ouvir. Só posso ouvir a palavra se meus ruídos interiores forem silenciados. Só posso ouvir a verdade do *outro* se eu parar de tagarelar. (ALVES, 2010, p. 25)

Como ponto de partida, no âmbito do conjunto desses desafios teórico-metodológicos abordados, sabe-se o que não se quer: reproduzir velhos cenários como novos. Nessa busca, trazer à tona temas até então excluídos, trabalhando com a alteridade e enfatizando as semelhanças ressignificaremos o trabalho acadêmico, as experiências culturais, e os pilares que até então mantiveram/mantém as desigualdades sociais.

É um processo cujas variáveis estão inter-relacionadas. É um olhar que agrega e compartilha o cenário, seja ele qual for, como: estrutural e pontual, local e total, singular e semelhante, único e diverso, racional e emocional, objetivo e afetivo. Finalizamos parafraseando Rubens Alves (2010, p. 19): “Se o sonho não existe, é inútil dar ordens à inteligência. Ela não obedece.”

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubens. **Educação dos sentidos e mais...** 6ª ed., Campinas:Versus, 2010.

BENEVIDES, Maria Victória. **Educação em Direitos Humanos: de que se trata?** Disponível em: <http://www.hottopos.com/convenit6/victoria.htm>. Acessado em 27 de agosto de 2017.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não ser como fundamento do ser.** Tese (doutorado) em Educação. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

CARVALHO, José Ricardo. **A construção da identidade de uma nação por meio da língua escrita e falada.** Ano 2, Volume 4, p. 83-90, jul-dez de 2008. Disponível em: http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_4/SESSAO_L_FORUM_Pg_83_90.pdf Acessado em 01 de agosto de 2017.

(Cód: 1413508)

Castro, Claudio de Moura. **A Prática da Pesquisa** - 2ª Ed. Pearson, 2006.

CHAMORRO, Graciela. **História Kaiowá: das origens aos desafios contemporâneos.** Disponível em: <http://www.baraoemfoco.com.br/historia/arquivos/gracielachamorro.pdf> Acessado em 4 de junho de 2017.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas.** São Paulo: Cortez, 1997.

GONÇALVES, Marco Antonio. **Traduzir o outro: etnografia e semelhança.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

GUELFI, Wanirley Pedroso; MARANGON, Maristela. **A avaliação e temática Indígena no ensino fundamental.** Curitiba: UFPR, 2006. (Coleção Avaliação da aprendizagem no ensino fundamental de 5ª a 8ª série).

GUÉRIOS, Ettiène; STOLTZ Tânia (2010). **Educação e alteridade.** São Carlos: Universidade de São Carlos, 2010.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil.** 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina.** In: Anuário Mariateguiano. Lima: Amatua, v. 9, n. 9, 2005.

LANDER, Edgardo. **Marxismo, eurocentrismo y colonialismo.** In: BORON, Atilio; AMADEO, Javier; GONZÁLEZ, Sabrina (Comp.). *La teoría marxista hoy: problemas y perspectivas*, Bue-

nos Aires: CLACSO, 2005.

LEFORT, Claude. **As formas da História**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

SANTOS, Boaventura de Sousa **Um discurso sobre as ciências**. 9ª ed. Porto: Afrontamento, 1997.